

A CRUZ E A ESPADA

POR DEUS, PATRIA E REI

REDACTOR PRINCIPAL—B. J. Senna Freitas, e collaboradores—Pinho Leal—Moreira Bello—D.º Ozorio Guimarães—Augusto Semblano—Garrido e J. T.

1.º ANNO

Assignatura:—Por 3 mezes 300 reis, semestre 600 reis, anno 1200 reis. Anuncios, linha 40 reis, correspondencias, linha 40 reis. Sendo remetida a folha pelo correio, anno 12500 rs., semestre 750 rs.—avulso 40 reis. Toda a correspondencia será dirigida á administração, franca de porte, rua de D. Frei Caetano Brandão N.º 18, João F. Torres.

NUMERO 34

EXPEDIENTE

Pedimos a todos os nossos amáveis assignantes que ainda estão em divida, o distincto obsequio de mandarem satisfazer o importe de suas assignaturas, relativamente ao 1.º semestre vencido já no mez de junho ultimo, e os de fóra podem-n'o fazer por meio de vales do correio. Esperamos que o nosso pedido seja attendido—e pelo correio mandaremos os recibos.

BRAGA

SABBADO 16 DE SETEMBRO DE 1882

NÓS E ELLES

Os nosso perseguidores são como as girafas, grandes por deante e pequenos por de tras.

Fabricadores de emphases, deixam apoz si um rastro de reticencias, esses que levantam as estatuas da liberdade, e lhes lançam aos pulsos as algemas de um despotismo feroz.

São elles a encarnação do absurdo. Em politica teem apenas uma significação, porque exprimem que se não são uma coisa distinctamente grande, são uma coisa miseravelmente pequena.

Estamos para com elles no caso do Cid para com Chimenes: preferimos o seu odio ao seu desprezo.

Mas quando as perseguições nascem antes da cobardia dos principios do que da cobardia dos caracteres, os odios não são a tyrannia da força, são a tyrannia da fraqueza, e não nos abatem porque nos exalçam, não nos humilham por que nos glorificam, não nos prejudicam por que nos honram, não nos derrotam por que multiplicam a nossa força e estimulam o nosso brio; por que comosco se levantam mais os principios e brilham e scintillam com todo o seu esplendor, com toda a magia do seu poder, com todo o poder da sua verdade.

Tirae á liberdade os punhaes de 1834, tirae-lhe o movimento, essa gymnastica de palavras que são a nota aguda do hymno da revolução, e vêde o que fica: uma pilhagem infrene, onde cada pirata morde á esquerda e á direita na disputa do osso já descarnado, uma orgia, já ao morrer das luzes, onde cada ebrio oscula com labios entorpecidos os realismos mais sensuaes da rameira que tem ao lado; cavernas sem luz, domicilios sem Deus, peitos sem crenças, amor sem alma.

O que d'ali, são não pôde ser senão torpe como o vicio, debil como a crapula, pallido como a devassidão, cobarde como a insidia, infame como o crime, abominavel como a abjecção: herões da lama, gigantes de cebo, de cujos hombros pende a penula dos Catões transformada em manto de farrapos.

Conquistas de uma luz que cega, de uma civilisação que asphixia; a paz dos pantanos, as ousadias brutaes da licença; eis a tua época oh! liberdade!

Perseguir-nos? Tanto melhor! Vós não podeis odear o sangue do vosso sangue, o lodo do vosso charco. O Eterno creou para todo o ser um ser opposto.

Creou a luz e a sombra, o ar e a terra, a alma e o bruto: os povos teem em si as revoluções que os perdem e as revoluções que os salvam.

Os vossos odios e as vossas perseguições

podem accender a tempestade. O raio despedido das nuvens pôde vir fender a terra, mas abre-lhe o seio á limpha que a virá fertilizar e enriquecer de todos as formosuras que a natureza lhe destinou.

O povo geme, mas o povo não treme. O partido legitimista é o povo por que é a nação, por que é a religião de nosso paes, a vida de nossos filhos, a honra de nossos avós, o futuro dos nossos netos. É a nobreza que obriga, é a patria que exige, é o braço que pôde, é a vontade que quer; é a esperança que nasce, é a revolução que expira.

Essa esperança é o sol d'amanhã. Luz celestial, como tu nos sorris, já, agora mesmo! Inunda-nos a alma o teu clarão divino! Aquece-nos o coração o teu fogo mysterioso!

Uma luz assim doirou os cabellos do Christo. Viram-n'a os povos abraçaram-se á Fé. Tremen o mundo nos seus fundamentos, e triumphou dos seculos a humanidade redimida!

Uma geração infante quasi baqueou sob os golpes da espada do Herodes, mas o Messias, caminhou vencedor, por que a luz que lhe illuminava o espirito era a propria divindade.

Pois aquelle espirito, a quella luz, existe ainda em tudo quanto é grande e justo, por que a verdade e a justiça são a obra mais sublime do Salvador. Sãia da bainha a espada dos Herodes para decapitar uma geração que cresce e espera, o symbolo augusto de nossas crenças vencerá como a verdade que é do Céu, como a justiça que é da Patria, como o direito que é do povo, como a honra, a perseverança, a lealdade e a coragem, que são apanagio do partido legitimista.

Já váe longe o tempo dos terrores. Então havia o assombro vomitado pela bocca dos arcabuses em todas as encrusilhadas, as laminas dos punhaes tingindo-se noite e dia, a toda a hora, em toda a parte, do sangue puro dos filhos legitimos da patria.

E gemiamos, e soffriamos, por que aos pulsos tinhamos presas as cadeas, que tres nações apertavam com os molinetas das suas mãos.

Agora não!
Agora somos uma nação de pé.
Uma nova geração constitue uma nova época.

Cincoenta annos de descanço refizeramnos a tempera.

Aceitamos todos os reptos, por que temos de sobra força e valor.

Perseguições, odios... se não nos fizerem mover podem fazer-nos rir.

No bulício das grandes cidades, no ambito das dependencias officiaes, nas academias da *idéa nova*, entre a safra e o martello, onde a embriaguez estende ás vezes o espirito desvaivado até ao entusiasmo caloroso da democracia vermelha, como se estende á pancada uma lamina encandecida, existe um apoio, systematico ou natural, ás violencias que nos arremecam os usurpadores da nossa antiga liberdade. Fóra d'ahi existimos nós na parte mais poderosa e sensata do paiz, desde as cidades até ás serras, desde o funcionalismo independente e honesto até á ultima camada social.

Nós buscando a regeneração da patria, resurgindo das ruinas, mais decididos do que nunca, mais firmes, mais numerosos, acompanhando o movimento politico da Europa, ao lado da Igreja, triumphando moralmente das grandes crises, e esperando seguros o momento das victorias, para dilacerarmos a hydra que um seculo de expiações afagou demasiado.

Sobre os altares da patria, junto da Cruz do Salvador, sobre o sangue sacrosanto de Christo jurámos as nossas bandeiras e fortificamos as nossas crenças.

Ao nosso lado milhões de portuguezes consagraram ao dever, pela nossa Fé e pela mesma religião politica, todas as aspirações

da alma, todos os affectos do coração, todos os sacraricos da honra. Tivemos o mesmo baptismo, havemos seguir juntos esta peregrinação de hoje, para chegarmos juntos ás glorias e ás ovações do futuro.

E n'este caminhar de senda em senda, de dia a dia, pouco nos importa que a mão já tremula da revolução caduca, venha espalhar-nos abrochos na vereda que seguimos.

De martyres chegaremos a herões.
O martyrio enobrece, o heroismo conquista!

A CRUZ E A ESPADA

E O SR.

J. DA C. PIMENTEL

«Ira non possumus vincere!»

É cousa bem triste sermos velhos; mas a velhice tem suas compensações. Os rapazes, pouco ou nada teem visto, e portanto, pouco ou nada teem que contar. Os velhos, teem visto muito, e reflectido bastante; por isso podem contar muita cousa—bonita e feia, alegre e triste.

Eu, que estou quasi a contar cinco duzias e meia de janeiros tenho si lo muitas vezes testemunha,—e bastantes, actor—de tanta cousa, que já de nada me admiro.

Vi em 1826 e 1827, muito patife, que, armado de cacete azul e branco, desancava sem dó nem piedade, quanto realista encontrava, e que depois de 1828, mudou lo as côres do cacete, com a mesma sencereza com que tinha mudado de politica, fazia a mesma graça aos liberaes.

Conheci grandes realistas truculentos perseguidores de liberaes, desde 1828 até 1833, que, assim que viram em 1834, o caso mal parado, se tornaram mindelleiros furibundos!

Semilhante canalha, não tinha politica nenhuma; o que queria, era satisfazer os seus instinctos de rapina e crueldade.

Entre esta gente havia uma casta de mandros, ain la piores do que os seus camaradas—eram os que, durante o reinado do Sr. D. Miguel I, se fingiram decelidos legitimistas, e atrabiliarios defensores do Altar e Throno, sendo mações de proposito para desacreditarem o governo legitimo.

D'esta casta de patifes, apontarei um só para amostra—foi o padre gallego Alvide Buella Pereira de Miranda, abba de Rebordosa, que em todos os seis annos do governo do Sr. D. Miguel, não cessou de publicar pampletos sanguinarios contra os liberaes, e no fim da guerra civil, foi muito festejado e premiado pela gente de D. Pedro por ter feito o papel que as lojas (a que elle pertencia) lhe tinham encomendado!

Em 1830, ouvi-lhe um sermão, na igreja de Santo Ildefonso, do Porto, cujas primeiras palavras, foram—«Se n'esta igreja está algum *malhado*, é melhor retirar-se, porque o meu discurso, certamente o ha-de fazer amarelo»!!!

Os que *libertaram* toda a casta de facinorozos que acharam na Relação, no Limoeiro, e em todas as outras cadeas por onde passaram, não podiam ter escrupulo de se servir de tão ascorosa canalha, e de meios tão torpes.

Uma das armas favoritas desde o principio empregada pelos mindelleiros (seguindo a maxima do seu mestre e capataz, Voltaire) é a calumnia, que muitas vezes, fere ainda mais do que o *liure punhal*. Um jornal qualquer, d'estes diabos, publica a mais nojenta e desbragada mentira contra um seu inimigo politico (principalmente se elle é sacerdote) immediatamente todos a transcrevem, e fazem correr mundo.

Os jornaes sérios, pulverisam a patranha; mas é o mesmo que nada—uns (e esses ainda não são os mais descarados) não reificam nem se desdizem—os outros, con-

tinuam discorrendo sobre o assumpto, fazendo-lhe commentarios, apezar de estar plena e incontestavelmente provado, com documentos authenticos, que mentiram desafortadamente. Que bilres!

Outra d'elles—

N'essas ignobes escolas de immoralidade chamadas theatros; nos jornaes, nos cafes, e em publico, por toda a parte, a *Religião do Estado*, é insultada, despresada e mettida a ridiculo. Pois as auctoridades, que, no acto de tomarem conta do penacho, juraram mantela, deixam passar carros e carretas—quando não são ellas mesmas os principaes insultadores.

Mas isto não admira em semelhante gentinha. O seu proprio chefe, o sr. D. Luiz, neto do *libertador* (já vimos quem elle *libertou*) é constantemente escarneado e insultado por elles, com obscenissimas representações nos theatros, e com caricaturas repugnantes nos jornaes burléscos.

O que porem, é digno de nota, é a indifference e impossibilidade do sr. D. Luiz! Um republicano furibundo, insultou horrivelmente sua mãe, no que uma mulher, nma mãe e uma rainha tem de mais caro, chegando até á infamia de chamar-lhe *tolerada*—comparou o sr. D. Fernando Co-burgo em *certa circumstancia*—a Fernando I, etc. etc., pois o sr. D. Luiz, chamou este inergumento aos conselhos da corôa; e encheu-o d'honras, dignidades, e prebendas!

Outro, quasi tão bom como o de que trato, chama-lhe *capa de ladrões*—e o *castigo*, foi, ser d'ahi a poucos dias elevado a cargos de confiança, e tornar-se *chefe de camarilha*!

Conheço muitos *heroes*, disfructando pingues ordenados com que os mimoseou o sr. D. D. Luiz—e até alguns militares do seu exercito. —que estão constantemente, nos jornaes e nos comicios, pregando a republica!

As auctoridades, tomando o exemplo do seu chefe, fazem a todas estas infamias, a vista grossa, e ouvidos de mercador fallido, mas, se um jornal legitimista chora o lamba, queixando-se de tanta patifaria que diariamente vê praticar com o maximo desalvoro, cáe logo o Carmo e a Trindade, e dizem os mandões, parodiando Santo Agostinho—«Ira non possumus vincere!»

Toda esta *calimmaria*, vem a proposito do triste papel que ultimamente representou o nobre morgado de Provezende, que, desprezando as gloriosas tradições da sua illustre e noblissima familia, se arvorou em beleguim, ou *accusa Christos*, contra a *Cruz e a Espada* cujo horrendo crime, foi lamentar as miserias e degradações da Patria, e exprimir os naturaes desejos de um futuro mais venturoso.

Sr. Pimentel—olhe que a *lagrima é livre*: deixe pois chorar a rapasiada, que não tem outro desafogo. Nem v. ex.ª com o seu mal entendido zelo, por um governo que não pôde deixar de ser ephemero, pois está a cahir de podre, é capaz de ter mão, com o seu *satrapismo*, na roda dos acontecimentos, que corre vertiginosamente.

Tome o meu conselho, que *talvez* lhe seja util. Quem sabe se mais uma vez se realisará aquella *prelenga* castilhana.

«Cazando por el monte Juan Verdejo, De un récio tiro derribó un conjo. Yal quererlo cojer, el bicho insano, Abrió la boca y le mordió la mano, En el mundo, fector, hay animales, Que al mismo que los casa son fatales.»

Ninguem me tira da caximonia, que, se a Divina Providencia permittisse que amanhã o senhor D. Miguel II, viesse occupar o throno dos seus maiores, havia de ver o sr. J. da C. Pimentel, transformado em um accerrimo legitimista, como o foi o seu venerando tio, ao qual deve, tudo quanto é e quanto vale.

E vós, noblissimos e destemidos defensores do Altar, de Portugal, do Rei, e da

verdadeira e bem entendida Liberdade, ávante, sem tripular. Milhares de corações de verdadeiros portuguezes vos louvam e bendizem, e, em proporção dos seus haveres, vos ajudarão em todas as conjuncturas.

Eu, o mais humilde, mas não o menos dedicado d'elles, me promptifico desde já, e gostosissimamente, para concorrer com o que puder, para as despesas do processo, ainda que tenha de ficar sem pão para a ceia.

Todo vosso

Zé-Ferino.

RELIGIÃO

O BEM E O MAL

I

Se meditarmos nas maravilhosas harmonias do universo visível e invisível, physico e moral, social e religioso, apoiando sempre as nossas meditações na sciencia, chegamos a esta conclusão: que existe um Deus unico e de natureza espirital, perfeitamente intelligente, poderoso, bom e justo, paternal e providente, organisador e conservador do mundo e infinitamente digno do nome de Providencia.

Surge porém uma difficuldade. Se nada ha que possa igualar este Deus em bondade e justiça, como é que ha neste mundo tanta maldade, tantas desordens; tantas misérias? Como é que este planeta em que nascemos para soffrer e morrer, merece o nome de valle de lagrimas? Como é que as nossas aspirações—ainda as mais sanctas e justas, são tantas vezes contrariadas?

Estas objecções tiverão sempre o dom de preocupar todas as almas, e por isso não admira que os sabios lhes tenham prestado a maxima attenção. Ha poucos annos, o erudito francez Charles Lévêque, membro do Instituto, tratou esta questão, a meu vêr d'um modo satisfatorio, na sua obra *As harmonias providenciaes*. Julgo prestar um bom serviço aos nossos leitores que não estão acostumados a reflectir neste importante problema, transcrevendo para o nosso jornal as ideias d'este eximio philosopho porisso que lhes posso socegar os espiritos e habilitá-os a responder áquelles que, do facto da existencia do mal, deduzem um argumento poderoso contra a existencia de Deus ou pelo menos contra a sua bondade providencial.

O mal e a desordem são de tal modo evidentes, que seria absurdo impugnar a sua realidade, o mais das vezes bem pungente. O mal existe, isto é, existe um principio com attributos oppostos ao principio do bem, manifestando-se no mundo material e moral, porém subordinado ao bem. A questão resumo-se, pois, em conciliar a extensão e persistencia do mal com o governo de um Deus inexaurivelmente bom *Hic opus hic labor est* aqui é que está o nó gordio.

Antes porém de entrarmos na questão convém fazer observar o seguinte principio que não pôde ser posto em duvida. Quando entre duas verdades pareça haver antithese, não temos o direito de negar nem uma nem outra. Duas verdades devem absolutamente, necessariamente conciliar-se, porque a verdade nunca pôde estar em contradicção com a verdade, a não ser em apparencia. Portanto, n'uma collisão d'estas, o dever de todo o espirito que pensa, é reflectir até que a falsa apparencia se dissipe, e na supposição de o não conseguir, a razão dita-lhe que deve continuar a considerar as duas verdades como taes, e que confesse simplesmente que não percebe a harmonia que as prende.

Applicando esta regra de boa logica ao nosso caso, se não houvesse meio de explicar a coexistencia da bondade infinita e do mal, no universo, deveríamos ainda assim declarar e crer que Deus existe e que elle é perfeitamente bom.

Mas a intelligencia humana não se acha reduzida a este extremo. Se, em lugar de considerarmos as coisas em globo e attendermos só ás infelicidades que nos opprimem, ás desordens que nos contristão, nós entregámos a um estado profundo do mundo, acabaremos pelo comprehender e vermos aclarar-se mais de uma obscuridade.

Para nos orientarmos no meio das complexidade do problema a que me proponho dar solução, dividil-o-hei em tres partes, que em si comprehendem o todo. 1.º o mal no mundo é superior ao bem? 2.º o mal e o bem moral conduzem a um estado mais feliz, ao progresso? 3.º o mal physico tem por fim o bem, um estado melhor? Pôde derivar d'elle o progresso?

Os que se queixão de que o mundo e a vida só offerece afflicções e trabalhos, podem ser sinceros no momento em que fallão.

Passado esse período de exaltação, se alguém lhes perguntar o que é o mal e a desordem e em que consistem, não osarão repetir esta affirmativa, tanto ella é falsa. Para os que comprehendem o sentido das palavras, o mal é o principio da desorganisação, da destruição, do aniquilamento. O mal com relação a cada ser, é o que obsta ao seu desenvolvimento, o que entrava os meios de conseguir o seu fim, o que destroe as condições harmonicas da sua vida. O mal produz a desordem e a desordem traz consigo a decomposição, a ruina, a morte.

Se o mal fosse superior, no mundo, ao bem, o que aconteceria? Nada poderia durar um dia, uma hora, um minuto sequer. Nenhuma harmonia se poderia estabelecer; porque logo que ella começasse a existir, o principio contrario a aniquilaria. O systema dos mundos astronomicos não se teria fundado; o equilibrio das espheras não se teria estabelecido, nem, com mais forte razão, teria durado tantos milhares de seculos. Não haveria relação de especie alguma entre os planetas e o sol; entre o sol e a terra; a successão dos dias e das noites e a volta periodica das estações. Não haveria lagos entre os diversos reinos da natureza, nem entre o homem e os outros seres, nem entre o homem e o seu semelhante. Numa palavra, não existirão nem o sol, nem os planetas, nem a terra, nem a lua, nem reinos, nem annuaes, nem homens, porque a existencia d'estes seres tem por condição uma multidão de harmonias permanentes.

Façamos porém uma suposição menos absoluta.

Admitamos que, tendo o mundo subsistido até ao presente, subitamente, na hora em que estamos, o mal vencia o bem e d'elle triumphava. Instantaneamente as leis conservadoras do universo deixariam de o dirigir; as leis universaes da attracção desaparecerião e os astros arremear-se-hião uns contra os outros n'uma catastrophe gigantesca e medonha.

Ou então, persistindo por acaso a gravitação, mas sendo todas as outras leis reduzidas ao nada, ver-se-hia a luz extinguir-se, o calor deixar de existir e de actuar e as existencias animaes e vegetaes desaparecerem.

Não ha côres carregadas no quadro: é isto, entre outras coisas, o que succederia necessariamente se porventura o mal no mundo fosse um só momento superior ao bem.

É pois claro como a luz do sol que o pessimismo não pôde sustentar se. Aquelles que o defendem ou não acreditão no que dizem ou reflectem mal.

Mas vamos dar uma prova mais significativa e convincente. Não ha dia nem mesmo hora em que o homem não mostre, pelas suas acções e pelos seus actos, que avalia o bem, no universo e na vida, em muito mais do que o mal.

De todos os sentimentos humanos, qual é o que não cede a nenhum outro em força e tenacidade? Não é o sentimento da conservação.

É este instincto dominante que outra coisa mais é do que o amor á existencia, que o apêgo á vida? Todos preferem soffrir a morrer. O horror á morte está profundamente arraigado no coração do homem. Os combates contra as forças inimigas que ameação a nossa existencia, contão-se pelos dias. Os doentes, os feridos submettem-se a operações atrozés para escapar á morte. Os infelizes que fraqueção n'este combate e que abandonão a vida, são uma excepção.

Só uma razão debilitada pôde procurar no suicidio um antidoto para os seus males.

O homem ama a vida por si e pelos que lhe são caros.

Quando um ser que elle ama está em perigo, é vér como elle empenha immediatamente uma lucta heroica contra a morte em volta do leito do pobre doente.

Para vencer este adversario temível não ha armas que não empregue. Desvelos, vigílias, remedios, medicos, preces ardentes ao pae da vida, tudo põe em acção. É necessario salvá-lo, custe o que custar: é salvá-lo de que? Da morte. A vida é pois um bem.

Se ella é um mal para que esta lucta ingente travada em conservação d'aquelles a quem ella abandona? Se ella é um mal para que ter uma familia, para que ser-se pae? O dia de um casamento é um dia de festa; o dia d'um nascimento, um dia de alegria; uma

familia numerosa, um espectáculo que encanta. A ideia de que seu filho vai morrer é insupportavel a uma mãe. Revolta-se contra o perigo que corre o fructo do seu amor; quer que elle viva, ordena-o, e tem ainda esperanza quando em volta d'ella tudo desespera. Perguntae-lhe, pessimistas, se se é um mal que ella intenta infligir ao seu filho procurando salvar-lhe a existencia!

O maior castigo prescripto pelas leis humanas, é a pena de morte. Pena! comprehendes? Perder a vida é pois o peor dos supplicios. E note-se que os juizes pronuncião sempre as sentenças de pena capital a tremer, e, se oúso castigar com ella o culpado, é para, com um mal menor evitar um mal maior, como proteger a vida das outras pessoas, etc. Portanto, n'este caso, a morte é um meio de proteger a vida.

O que morre na defenza da sua patria sujeita-se ao supremo dos sacrificios. Dá o que tem de mais excellente pela liberdade da sua nação, pela honra do seu paiz e segurança dos seus habitantes. Paga o bem de todos pelo preço do seu bem pessoal. Quer que a sua patria viva e tanto julga que a sua autonomia é um bem, que chega a dar o seu sangue por ella.

Todos desejão viver, conservar a sua existencia, prolongá-la signal de que, no decurso da vida, encontramos mais bens do que males. Aos que pretendem o contrario, apontamos um desmentido formal: as suas proprias palavras, o seu proceder, as suas affeições.

A primeira parte do problema está resolvida. No mundo e no homem o bem é superior ao mal. Passemos agora á segunda parte. O mal e o bem conduzirão ao mal, ou pelo contrario, o mal e o menor bem terão por fim o bem, um estado melhor, o progresso?

A. Semblano.

ILLUDIDOS

Os homens serios de todos os partidos conhecem e confessam (algumas vezes baixinho), tem andado e andam muito mal, e que o systema politico porque nos regemos, praticamente e com os nossos homens de estado, é defeituosissimo, e todos sentem a necessidade de uma mudança. Alguns recem-a por causa da revolução ou guerra civil a que ella pôde dar causa.

Se a mudança se fizesse pacifica, seria bem recebida pela maioria dos portuguezes.

No que muitos discordam é no systema que deve substituir o actual. Uns querem simplesmente uma mudança qualquer, na esperanza de algum melhoramento, pelo menos no principio; alguns querem o antigo systema, o legitimista, com as reformas que o tempo tem mostrado uteis e necessarias (são estes os que pensam melhor); e muitos illudidos, por irreflexão e pouco ou nenhum estudo serio aos actos dos governos contemporaneos, querem a republica, e d'estes é que nos occupamos n'este artigo, com o fim de os convencermos da sua illusão e de algumas verdades de que se tem affastado, por mal aconselhados.

Ainda não ha muito ouvimos a um illustrado cavalheiro progressista: «Se me dessem a escolher, disse elle, darem-me outros tantos bens como os que tenho ou haver uma mudança no systema politico que temos, preferia esta de bom grado».

Outro cavalheiro regenerador disse: «Sou regenerador enquanto não chega a republica».

A differentes cavalheiro temos ouvido: «O meu partido é o legitimista, vou com os liberais para não ficar isolado». Isto prova o descontentamento geral e a antipathia do povo á monarchia constitucional.

São dous os principaes motivos que influem o povo a querer a republica: 1.º A illusão e a ignorancia. Alguns individuos por que lhe não deram um talher na meza do orçamento ou porque se querem tornar salientes e chamar a attenção publica para elles trataram e tratam de fazer propaganda republicana, apresentando ao povo muitas theorias falsas e dizendo-lhe muitas cousas que nem visos tem de verdade; entre outras as seguintes: A familia real que absorve a maior parte dos rendimentos do estado (o presidente da republica também recebe um bom ordenado e pôde abusar do poder como o rei) que extinta está haverá grande reduccão nas despesas publicas; que o governo republicano é mui economico (quando não tem que gastar), que reduzirá os impostos (duplicando-os), que será a felicidade da nação, emfim que o presidente quando não governar bem será excluido do

poder e se escolherá outro (theoria falsa que praticamente observamos repetidas vezes, principalmente na occasião de eleições; o povo nem é capaz de fazer boa escolha na eleição de junta de parochia, muito menos na de presidente da republica). Dizem mais que a Franca está feliz com a republica e que tem progredido muito (na desmoralisação e na impiedade).

O povo, e até alguns que se dizem illustrados, acreditam estas affirmações ocas e vão passando a outros essas doutrinas falsas e illusorias.

A imprensa periodica, liberal mesmo a que se diz monarchica, tem dado um bom contingente para a propaganda republicana: ridicularisando o rei e os governos e louvando os actos dos governos republicanos, ao mesmo tempo vomitando as maiores injurias contra o antigo systema, o legitimista. Por estes meios infames é que tem popularisado as ideias republicanas.

2.º Motivo—As classes pouco abastadas e as operarias, por uma razão que não sabemos explicar, consideram a republica como a liberdade illimitada, o aniquilamento de todas as leis e auctoridades, emfim a licença para fazerem quanto lhe aprouver, por isso almejam por ella, e muitas vezes temnos ouvido:

Logo que venha a republica vamos a casa d'este e d'aquelle que tem dinheiro e apossemo-nos d'elle e do mais que encontrar-mos. Dizem-no com uma alegria, como se já estivessem saboriando os manjares que esperam encontrar nas casas das pessoas abastadas.

Concluimos lembrando a esses espiritos illudidos e especialmente ao povo que a republica não pôde dar á nação melhores felicidades do que tem dado o constitucionalismo, de que é filha, por assim dizer, e pelo contrario ha-de acabar de aniquillar a agricultura e a industria, o credito e talvez a nossa independencia, como nação.

M. de M.

CORRESPONDENCIAS

Londres, 7 de Setembro de 1882

(Do nosso correspondente)

Por acaso, n'este momento revolvendo papeis velhos, encontro (mui suja e defumada) a primeira folha de uma de minhas numerosas cartas a El-Rei o senhor D. Miguel I.—(cartas cuja colleção, que faria um bom volume, não seria inutil, se fosse publicada para a historia do nosso tempo).

Sem duvida, heide ter a copia integral (como tenho de quanto escrevi—sem excepção—nos ultimos quarenta annos); mas, ainda que isso tudo está em massas e ordem chronologica regular, não tenho agora pachorra, nem é preciso, de ir compulsar o meu archivo, para o objecto actual: que é simplesmente, exhibir um pouco de estilo em que eu costumava escrever e escrevi, a E-Rei, desde que, em 1842, S. M. se convenceu afinal de que eu, com effeito, não era *traidor* á Causa Nacional e Sua—como lhe tinham persuadido (e persuasão que foi, talvez causa de perder-se a da Nação).

Londres, 1.º de Dezembro de 1853—Aniversario para nós sempre memoravel.)

«Senhor:

«Tenho d'eserever mais de vagar a Vossa Magestade muita cousa que me toca pessoalmente—e a V. Magestade tambem,—mas isso é para quando o cuidar de outras não importe tanto aos interesses da Patria, e de V. M., assim como aos de Sua Augusta Familia, identificados com os da Causa verdadeiramente Nacional Portugueza. Basto, por hoje, referir, que se tem dito de mim toda qualidade de *mentira* a V. M.; que uma quantidade, já d'intrigantes, já de fofos; com mui pouquissimo mélo, me têm a seu gosto pintado como ham querido, sem nenhum me ter visto como eu sou. Não lhes quero mal por isso; cada um vê conforme os olhos que Deos N. S. lhe deu, physicos intellectuaes, ou moraes: não ficará todavia, em seu tempo, se a Providencia Divina o quizer, por examinar e mostrar-se, quanto o verdadeiro original se parece, na realidade ou não, com o retrato que tão habilidosos artistas tomaram o trabalho de fazer—e *de escuras*. Occupar-me-hei, pelo presente, do que mais importa, que são essas indecencias e ignorancias.

«Vossa Magestade, que, quando os intrigantes e mixiriqueiros o não desviam do

recto caminho, tem perfeito e nobre espirito de justiça, não pôde desconhecer, que a Antonio de Souza Pereira Coutinho—à sua incançavel actividade—ao seu zelo sem igual—à sua destreza, tacto e sagacidade—mas sobre tudo à sua paciencia e perseverancia sem limites (*), se deve principalmente a resuscitação do Partido e Causa de V. M.; e que, sem Antonio de Souza principalmente, e depois d'elle sem outro Antonio (Taveira Pimentel de Carvalho), nem os taes ou quaes esforços de um terceiro Antonio, que sou eu, houveram podido aproveitar muito, em trazer a Cauza de Vossa Magestade onde ella veio a chegar, e ainda se acha, e pode subir.

A elles, em Portugal, e a Bordigné fóra do Reino, deve V. M. maiores obrigações, em relação à sua esperada Restauração, do que a ninguém outro: V. M. sabe que eu tenho as provas irrefragaveis de tudo isto, e que ninguém m'o ousará contradizer.»

[Até aquentendo eu proprio perfeitamente a quem e ao que se refere esta minha carta fragmental—pois que só acaso encontrarei agora mesmo a parte que copio;—o que vou transcrever ainda, não me lembra a mim proprio absolutamente a quem se refere, nem tenho vagar para ir indagal-o revolvendo em vasta archivo. Podem, com tudo, ficar certos os leitores da Cruz e a Espada, que o que digo e adianto da pessoa, quem que seja, é exacto; e se algum o contrahissem, em breve sabiriam as provas authenticas do meu dizer] (continuando a copia da minha carta a El-Rei:—)

«Ha, é verdade, uma pessoa de curtiissima capacidade e altissimas pretensões (salvo em materia de gloria e capacidade a seu modo, que ninguém lhe nega), a qual—para a gente se rir,—nem entendam, que a elle mais que a ninguém se deve.

Mas, como, Deus louvado, eu possuo volumes de sua escripta—em letra gorda e magra—e sei muito do que a outros tem escrito, e muitissimo do seu modo de falar e proceder; fará bem de guardar para si o conceito de seus proprios méritos, e não provocar a que eu vos discuta e examine á vista do mundo.

Não lhe valeria, em tal caso, o chamar-se tambem Antonio, pois não tem cabida em nosso bando, gralha em duas letras, duas caras, duas linguas, duas vozes, e duas gargantas.»

Torno a repetir, não me lembra a quem assim alludia; mas estou seguro que o não fazia sem bom fundamento.

Concluirei aqui perguntando sómente;—Tem alguma comparação o estado da nossa Causa desde 1851, que os Senhores Lisboaes me fizéram por de parte, até agora, com a condição em que e achava quando elles tivéram a bondade de virem aqui desprezar-me, insultar-me, tratar-me com tal descortezia acintosa, como nenhuma pessoa de sentimentos nobres e ha criação, usaria para com um Gallego?...

Nada porem ha mais lólo, que a opinião e conclusão que os taes politicos tiraram, de que, constituindo elles, por meio do Casamento d'El-Rei—(em arrastar o qual nenhuma parte tivéram),—a S.M. na mesma posição (quanto á direcção da Causa) em que El-Rei se achava em Rima, estava a Restauração feita; e já se não precisava de mim, senão para me enganar e me insultar, e me desprezar, e me comprometter com o Governo Inglez; fazer-me perder a óptima intelligencia em que eu estava com Lord Palmerston—(com padão da chalassinha do Sr. Fernando Pelroso.)

A. R. Sraiva.

Villa Verde, 14 de setembro de 1852

(Do nosso correspondent)

Já uma vez lhes disse que os meus salafrios faziam caréas á coisa que andava no ar; isto é, ás minhas primeiras correspondencias. É certo, faziam caréas e commentarios; tocou muita vez a capitulo, e reuniam-se os frades da comunidade da ordem do deboche, havendo longas dissertações, planos arrojados, tentativas de grande esforço, e mesmo decretos d'alta diplomacia.

Entretanto escapava-se-lhes o reu d'alta traição pela malha do segredo d'imprensa, e não se cumpria a sentença condemnatoria,

(*) Das preciosas, longas detalhadas, importantissimas correspondencias de Antonio de Sousa (Villar de Perdizes), tinha eu transmitido copias a este.

porque o supplicando era uma sombra, e elles com sombras não queriam nada. Bem os molestava a propria sombra d'elles, quando se projectava na sua frente, e que elles viam a má estrutura das suas proprias ossadas.

Era necessario, por tanto, criar um corpo, uma figura qualquer, em que podessem firmar a garra do despeito, e harpoal-o seguro, para descarregarem n'elle as mal contidas iras, e os rancores feridos no seu orgulho de devassos.

Tinham razão, elles, os immunes, os nunca feridos no campo da infamia, os sempre respeitadas na estacada do deboche, os coraçados do adulterio, os Krups da deshonra, e os d'Abbadie de seis canellos para o latrocínio e para a devassidão!

A gloria havia caber a um; e a descoberta valia a medalha de honra da esbofetada deshonra. Que premio! Que tentação!

A elle, campinos!

Eil-os na pista, os garranos de peito!

O primeiro alistado, o—Sultão—, era montado pelo amador de coisas feias e nojentas, o Agudeiro

Este fugiu da pista, e esbarrou-se na noite de 31 d'agosto, n'uma tira de letras grifas, que não pôde mastigar, perdendo o premio.

Seguiu o o garrano—Bom Despacho—, montado pelo jockey club de cabellos pintados de cor de burro quando foge, que foi o feliz da medalha, guiado como foi por um celebre planeta.

A traz seguiram-n'o os garranos—Moeda Falsa—, e—Cabelleira—, que poucos passos deram, por falta de sardinha e de pinga.

Gloria in excelcis!—troaram as businas dos arautos! Garrano—Bom Despacho—, eis o premio digno de ti!—disseram em alta grita os do Club da Penna Ladra.

E o agraciado, pendurando no cordão de ouro das lunetas a medalha commemorativa do feito, lá foi ás praias lusitanas mostrar o valor do peito sublimado.

A todos mostra a medalha,—lão ingenuo e desfructavel é o donzel dos arrebiques! Não comprehende, o nescio, as legendas que, d'um e outro lado, mostra a todo que passa, e que dizem:—Victima de ladroes!—Victima de testemunhas falsas!

Julga-se feliz em apanhar a medalha; e um dia verá que a sua infelicidade lhe proveio da ligeireza do garano, e do planeta que o allumiou na supposta descoberta.

Ha de nos sobrar tempo para tudo,—caras prendas dos meus sentidos. Contae comigo para sempre, minhas nunca esquecidas creancas!

Eu sou o que vós não sabeis, e que vos vou dizer.

Sou o forte banqueiro da verdade, cujas obrigações contrahisteis no mercado da traficancia, e que vos ha de solver um dividendo fabuloso, e além de toda a espectativa.

Certificai-vos, que a minha casa não abre fallencia, e que as vossas obrigações não terão nunca baixa de cotação, antes farão inveja ao mais arrojado corretor d'infamias.

Que venha a bancarrota da calunnia, os coupons das testemunhas falsas, a correctagem da intriga, ou a espadagada cega da justiça vendada, que o ultrage será pago pelo dividendo, e a honra do Banco da Verdade sobrenadará a todas as ruinas.

Sabeis já quem sou?

Por agora ficae em paz, se podeis, que tenho que fallar a outras gentes.

Oh! senhora Camara! Faz favor de dizer ao municipio, desgraçado pelos seus desatinos, o que é feito da mobilia burgueza antiga, e substituida pela nobre, d'armas reaes, que se mostrava modesta nas repartições d'outr'ora, e que ninguém sabe onde se sumiu?

Olhe que faz n'isto um grande favor ao publico absorto, e em particular ao individuo, ou individuos, onde se suspeita ella esteja anichada, e até a si propria, que tão milindrosa é.

Dê rumor de si quanto antes, alias saltolhe, que a moio.

Tambem ha de dizer ao municipio, na sua primeira sessão, se tem algum fundamento o boato espalhado por alguns má linguas, de que a madeira para a construcção da casa do Planeta, de Villa Verde, foi toda vendida por baixo preço, por dez reis de met coado, da que se destinava para as obras do paço do concelho; e que, em substituição d'aquella, que era boa, se comprou outra muito ordinaria, por obrar ainda, e por um preço excessivamente maior.

Diga-o já, que anda comprometido n'esta historia um celebre parente do favorecido, parente por linhas travessas, e eu, que sou

Banqueiro da Verdade, não posso consentir na minha caixa forte meadas sem aillo.

Olhe que são couceiras de castanho, portadas aparelhadas, taipas, estuques etc., etc.

Cogite d'isso, e dê parte, alias soffre-lhe as consequencias.

A rede varredonra ha de se apertar, snrs., que o peixe está todo na malha, e será feliz ce qui rira le dernier.

Suez 28 de Agosto de 1852.

Carta d'um Mouro ao Dr. Cantiga

Presado amigo:

Ha muito tempo que desejava fazer uma digressão pela Europa, e deixar por algum tempo este solo abraçador d'Africa, e attentas as evoluções politicas porque está passando o meu paiz. Desejava effectuar a viagem n'esta occasião demorando-me algum tempo n'essa Villa por tanto dize-me, com a maior franqueza, se um estrangeiro ali gosa de todas as liberdades, porque estou acostumado a um certo numero de cousas que se porventura m'as estorvassem antes preferia não sahir do Egypto, e soffrer os rigores proprios d'uma guerra.

Eu sei pelos jornaes que tenho á mão, e por informações particulares, que em Mont-Alegre se consente a polygamia, e bigamia, não sancionada pela igreja nem pela sociedade, e que em lugar de stigmatizarem factos d'esta ordem antes os elevam a ponto de os divinizar em encorajando os individuos a novas proesas, como tem succedido aos prezos da cadeia; ora se são verdadeiras estas minhas apreciações a ubicação n'essa Villa apraz-me, e então vou fazer-te uma visita por que esses costumes quasi se coadunão com as leis do alcorão a que estou afeito.

Eu sei tambem pela imprensa que a maior difficuldade que hei-de encontrar é fallar com o teu delegado por ter um guarda portão com catana desembainhada para descarregar golpe fatal em todo aquelle que não apresentar certificado de registo criminal, mas parece-me será fabula, porque elle tem por habito inveterado não encerrar a serio cousa alguma, e mui principalmente os acrisolados interesses da sociedade que por lei lhe estão confiados, de tudo desdenha, a sensibilidade imbotou-se-lhe, e pobre de quem lhe soffre as suas consequencias, como aconteceu a Joaquim da Cruz, de Donões, e depois tem o bastante cynismo de arrojar ás faces de Deus e do mundo que não está resolvido a acreditar em lhas dos cabeças de casaes, mas está resolvido a deixar desaparecer uns documentos que se diziam falsos, sem previo exame, só por deferencia a quem nos apresentou, e a fazer gemer innocentemente o parochó de Reigoso, por lhe ser desafeitado! O que se vê caro doutor é que é necessario dispensares-me toda a tua influencia para cair nas boas graças do Bernardino.

Quando me responderes não consultes o Synedrio porque te pôde induzir a erro, e eu, se pelas tuas informações me julgar seguro ahí, parto immediatamente.

Todo teu Osman-pachá.

NOTICIARIO

União legitimista.—Existe a mais perfeita e completa harmonia e união entre todos os legitimistas d'esta cidade e provincia, para se festejar no dia 19 do corrente o anniversario natalicio do senhor D. Mignel II.

Nossa alma regorgita d'alegria e nosso coração salta de contentamento.

Bem hajão todos os esforços que se empregaram para se estreitar cada vez mais os laços que prendião n'um só pensamento—o amor—que o grande partido nacional, consagra á monarchia legitima, que foi, e será sempre a grandeza do nosso Portugal.

A festa mocidade legitimista! A festa venerandas reliquias do nobre partido legitimista.

Tomar um lugar no banquete ao lado d'estes granadeiros da fé, d'estes homens d'antes quebrar qué torçar, é uma gloria para a mocidade, a quem occorre hoje o dever sagrado de sustentar em suas juvenis mãos a gloriosa bandeira d'Ourique.

A revolução está agonisante, e as suas casacas já são velhas, e porisso fóra da moda.

Avante mocidade legitimista! Na união está a força, e Deus é comnosço. A babel

revolucionaria está prestes a desabar de todo. Preparemo-nos para salvar das ruinas o que for digno d'isso.

Todos são nossos irmãos: são portuguezes é o quanto basta. É digno de perdão o que se mostrar constricto e arrependido, e aos impenitentes um abraço d'amor e caridade. Nada de odios porque a gloriosa bandeira das quinas chega para cobrir a todos.

A hora dos desenganos aproxima-se. Avante legitimistas.

12 DE AGOSTO 82 N.º 29 A «CRUZ E A ESPADA» QUERELLADA A redacção curva-se reverente deante de S. Ex.ª, o mui alto, sabio e poderoso senhor d'este cantão chamado out'ora Braccara Augusta dos antigos Cezares. Salve novo Consul!!! agradece Ao Ex.º Sr.

Festividade.—No domingo, 17 de Setembro, ha de celebrar-se com solemnidade a festa de N. Senhora das Dores, na Igreja do Real Sanctuario do Bom Jesus do Monte, com missa cantada a instrumental e sermão de tarde; haverá exposição do Santissimo durante todo este dia e terminará a festa com a Ladainha da Senhora e Tantum-ergo, depois do sermão.

N'este mesmo dia se fará um leilão de alguns objectos d'ouro, offerecidos como esmolas em diversas epochas ao Sanctuario, reservando a administração do mesmo Real Sanctuario o direito de retirar os objectos da praça, quando o preço offerecido não pareça conveniente.

Noticia sapateirada.—A Independencia, jornal da Povoia de Varzim, principiou a bater solla no seixo sobre os joelhos, pelo nosso jornal ser processado, e no meio das suas martelladas sujou o avental de couro que traz enforcado ao pescoço. Pode-se-lhe passar carta de engraxa-botas da Folha Nova—Seculo—e Companhia.

Este miseravel papelucho, desconhece os deveres de camaradagem e da boa educação, deixando yer na sua triste phisonomia, o tipo de um rediculo sapateiro á voltaire...

Se não fosse a sua ignorancia, era digno de uma carga de cerol.

Offerta ao Sr. Padre Leão XIII.—O incansavel proprietario da Livraria Religiosa e Scientifica no Porto, o snr. J. J. de Mesquita Pimentel—nosso presadissimo amigo, vai offerecer por intermedio do grande escriptor catholico D. José Maria Carula, secretario da imponente peregrinação a Roma, dous exemplares ricamente encadernados, contendo um a traducção da Urgente Necessidade de uma Cruzada e outra da Situação do Papa.

Do intimo da alma aplaudimos a lembrança do snr. Mesquita Pimentel, editor muito conhecido pelos bons serviços que tem prestado á Causa da Igreja.

Os nossos parabens.

Subscrição nacional.—Para o monumento, que se está erguendo á memoria de Pio IX, o Grande, na serra de Santa Catharina junto a Guimarães.

Transporte da subscrição já publicada no Progresso Catholico e Religião e Patria..... 1:179,940

D. Maria da Conceição Oliveira Pelxoto 1:200; José Maria d'Almeida 500; Joaquim da Silva Gonçalves 500; João Antonio Menezes Areias 200; José Pedro Pereira 300; Manoel Vieira Reis 500; D. Dellina Emilia do Amaral Ferreira 1:000; Manoel Dionizio 500; Francisco Lobo 500; José Gonçalves da Cunha 500; Antonio Augusto da Silva Carneiro 500; D. José Maria Vaz Moreira 400; Dr. José da Cunha Sampaio 400; Dr. Alberto da Cunha Sampaio; João da Costa 1:500; D. Joanna Ferreira 1:000; Antonio Mendes Ribeiro 4:500; Visconde de Lindoso 4:500; Joaquim José Pereira 1:000; Antonio Joaquim d'Almeida Gouvea 1:000; Padre Custodio José Pinto

Veiga 4:500; Manoel Luiz de Macedo 200; Antonio Joaquim Vieira 300; Manoel José dos Santos 500; Antonio José de Freitas 100; Anastacio José Pereira 300; Luiz de Pina 200; Manoel Joaquim da Cunha 500; Antonio de Carvalho Abreu 200; Luiz Antonio Figueiras 500; Antonio Joaquim Peixoto da Costa 1:000; Antonio Augusto da Silva Cardoso 500; D. Anna Ribeiro Agra 4:500; Dr. João Ribeiro Martins da Costa 2:250; Francisco Ribeiro Martins da Costa 4:500; Conego Manoel Leite 5:000; Joaquim dos Santos Oliveira 1:000; Francisco José Mendes 200; Dr. Avelino da Silva Guimarães 200; Eugenio José da Silva 2:000; Dr. Bento Cardoso 2:250; D. Rita Carolina de Macedo 500; Gabriel de Andrade 240; Francisco Candido Pinto 500; Bento dos Santos Costa 500; José Pacheco Barbosa 500; Manoel Rodrigues Marinho 500; Dr. Francisco Pinto do Amaral e Freitas 2:000; José Teixeira Faria Andrade 500; Um anonimo 210; Padre Antonio Andrade 1:000; Abbade Antonio José Felix Gomes 5:000; Conego Domingos de Souza Guedes Aguiar 1:500; Conego Antonio Joaquim de Oliveira Cardoso 4:500; Frei José Gabriel de Magalhães 4:500; Manoel José Dias Pimenta 500; Antonio Francisco de Oliveira Guimarães 500; Gaspar Lobo de Souza Machado 1:000; Manoel Luiz Carreira Guimarães 200; D. Anna Rosa d'Oliveira 500.

Somma..... 1:255,990

Toda a correspondencia relativa ao monumento, deve ser dirigida ao Sr. Antonio Martins Pinto da Cunha; Rua da Rainha N.º 39, 41.—Guimarães.

A Choromella.—E este o titulo do correspondente da *Lucta*, n'esta cidade.—Sabio que nem uma rata, grosso e rombudo que nem uma tranca, mete de vez em quando, o nariz nos baixos da nossa pobre humidade, occasionando-nos certas nauseas a ponto de senão poder evitar algum destempero natural.

Um jornal d'esta cidade, diz que o tal correspondente é o sr. J. da C. Pimentel; porém nós dizemos que não, porque, realmente conhecemos muito de perto os quilates isto é, as prendas de que é adornado s. ex.ª, já como escriptor, e já como orador, e mesmo como *atrahente* em tudo e portudo, e porisso parece-nos que a tal *Choromella* é algum discipulo do mestre *Pipino*, muito conhecido na rua dos Chãos.

Por ultimo temos a declarar á tal *Cigarra*, que muito asno cria o pão do Senhor — pois, embora não tenhamos carta de bacharel em *canos*, temos a precisa força para lhe dizer: Vistol-o-ir? Até logo.

O jantar legitimista.—É no dia 19 do corrente no *Grande Hotel*, do Bom Jesus do Monte, que o partido legitimista d'esta cidade se reúne para solemnizar o 29.º anniversario natalicio do senhor D. Miguel 2.º

Consta de 100 talheres, e assistirá a esta festividade o nosso redactor principal, o denodado e intrepido jornalista catholico e legitimista o Exm.º Sr. B. J. de Senna Freitas.

Legitimistas ao Bom Jesus, pois, ainda ha lugares para mais 50 convivas.

Declaração.—Esta Redacção acha-se auctorizada pela respectiva Commissão legitimista a declarar que, podendo ter-se dado involuntarias omissões nos convites para a assistencia á Missa na capella do Hospital, ás 8 horas da manhã, no dia 19 do corrente, e para tomarem parte no banquete no *Grande Hotel do Bom Jesus*, ás 5 horas da tarde do referido dia, são por este meio convidadas todas as pessoas, com quem se hajam dado taes faltas, e que desejem tomar parte n'esta manifestação, a enviarem sua declaração a esta Redacção até o dia 18 do corrente.

Fallecimento.—Acaba de finar-se a virtuosa mãe do R.º Sr. João Pedro Ferreira Ayrosá, capellão de Nossa Senhora do Carmo d'esta cidade, sendo hontem findos os officios funebres, conduzindo ao cemiterio o cadaver da illustre finada.

Os nossos sentimentos a seus bons filhos, e demais familia.

Outro.—Tambem se finou a Sr.ª D. Maria da Conceição e Castro, esposa que foi do sr. Domingos Manoel de Carvalho e Castro, negociante, do campo de D. Luiz I.

Era uma esposa digna a todos os respeito, e foi arrebatada pelo tufão da morte ainda no verdor da vida.

Receba o inconsolavel marido, os nossos sentimentos.

Morte d'um estadista.—Em Cintra exalou o ultimo suspiro o sr. Conselheiro Antonio Rodrigues Sampaio, conhecido pelo da *Revolução de Setembro*.

Deus se compadeça de sua alma, que é a maior condecoração que o grande revolucionario pode encontrar na outra vida.

Mas, magoou-nos a noticia, dos irmãos do *Grande Oriente*, se reuniram para assistirem ao seu enterro!

Aquelle cortejo dos irmãos do *Grande Oriente*, significam uns demoniosinhos a acompanhar o feretro do grande escriptor e estadista.

Os nossos sentimentos.

Recebemos.—O Rev.º Sr. João Vieira Neves Castro da Cruz, mimosiu-nos com dous exemplares, da sua importante obra, intitulada—*Prospecto Historico dos Papas*—desde S. Pedro até aos nossos dias.

Agradecemos penhoradissimos tão valiosa offerta.

Foi editada pela Livraria Catholica Portuense—Rua de Sá da Bandeira—113 a 115.

AGRADECIMENTO

Os abaixo assignados, profundamente agradecidos a todas as pessoas que os cumprimentaram e prestaram seus valiosos serviços por occasião do fallecimento e do funeral de sua sempre chorada consorte e mãe, D. Leopoldina Carolina de Mesquita, fallecida na sua residencia da Quinta da Armada, d'esta cidade de Braga, no dia 4 do corrente mez, veem, por este meio, significar-lhes os mais sinceros protestos d'indelevel gratidão.

Braga, 22 d'agosto de 1882.

- Dr. Bento Joaquim de Mesquita Pimentel.
- P.º Manoel Joaquim de Mesquita Pimentel.
- Bento Joaquim de Mesquita.
- Maria Benedicta e Mesquita Pimentel.
- Leopoldina Carolina de Mesquita.
- Antonio Joaquim de Mesquita Pimentel.
- José Joaquim de Mesquita Pimentel.
- Pedro Joaquim de Mesquita Pimentel.

(68)

ANNUNCIOS

Precisa-se de um rapaz que saiba ler e escrever de 12 a 14 annos.

Pode-se dirigir a esta Redacção qualquer pertendente.

Manoel José da Silva Mello, tendo de mudar a sua residencia para a cidade do Porto vem por este meio, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, despedir-se de todas as pessoas suas amigas, offeren do-lhe ali a sua morada na rua de S. Jeronimo 122, bem assim o seu limitado prestimo.

Braga, 28 de Agosto de 1882.

A VISO

Os gerentes da nova caza penhorista Bracarense, sita na rua dos sapateiros, n.º 9, previne os snrs. mutuarios, que tenham penhores nesta caza, e estejam em debito de mais de tres mezes, para que os venham resgatar ou pagar seus juros, isto até ao dia 15 do proximo mez de setembro; do contrario serão considerados em abandono, e vendidos a quem mais der.

(63)

Photographia Bracarense

RUA DA BOA-VISTA N.º 34

Tiram-se retratos com toda a perfeição, em diferentes gostos e tamanhos.

VENDA DE CASA

Vende-se uma morada de casas, que accomoda uma familia, tendo um bom quintal, com arvores de fructa e vinho, produzindo já tres pipas d'este liquido, e agua de lima e bica com seu tanque para lavar e regar; não tendo dominio directo sendo emphyteuta.

Este predio é situado na rua nova de Santa Cruz, proximo aos Piões e junto á linha americana, designado pelos numeros 4, 4 A e 4 B.

Quem pretender comprar este predio, entender-se ha com seu dono, morador na mesma casa, ou na rua de Nossa Senhora de Guadalupe n.º 4. Declara se que se porventura ao comprador fizer melhor conta ficar com a maior parte do seu valor na razão do juro legal e com hypotheca no mesmo predio, o poderá fazer.

Francisco Martins da Silva Araujo, da rua da Cruz de Pedra, d'esta cidade, faz publico para todos os effeitos legais, que seu irmão José Maria Martins da Silva, se acha á muito tempo no deploravel selado de demencia, e por isso inhibido de poder encarregar-se de qualquer venda de objectos ou de outro qualquer negocio—pelo que, desde já declara, em vista do estado em que se acha, que senão responsabiliza por cousa alguma respeitante a quaes quer objectos para vender, empenhar, ou de que fór encarregado por qualquer forma.

E para que ninguém allegue ignorancia de futuro faz o presente annuncio, retirando por esta forma de si toda e qualquer responsabilidade.

Braga, 29 de agosto 1882.

Francisco Martins da Silva Araujo.

COLLEGIO DE S. BENTO

LARGO DE SANTO AGOSTINHO N.º 8

BRAGA

Abriu-se este novo estabelecimento de educação e ensino, para crianças do sexo masculino.

Admitte desde já alumnos internos, semi-internos e externos, para as diversas disciplinas que n'elle se hão-de cursar, as quaes serão confiadas a pessoas competentes.

Para informações e programmas, dirigir-se ao director.

(50) Bento Desiderio Peixoto Querido.

THEOLOGIA FUNDAMENTAL

PRELECCOES

POR

MANOEL DE ALBUQUERQUE

Bacharel formado em Theologia, professor de Theologia no seminario conciliar de Braga Desembargador da Relação Prinaeial da mesma cidade e promotor do Juizo Apostolico.

Vende-se em Braga—*Livraria Popular*—de A. Telles de Menezes—rua de S. Marcos, n.º 2;

Porto—*Livraria Religiosa Scientifica*—da J. J. de Mesquita Pimentel—rua de D. Pedro, 33;

Coimbra—*Livraria Academica*—de J. Melchades—rua da Calçada.

Lisboa—*Livraria*—de Joaquim Antonio Pacheco—Praça de D. Pedro.

Guimarães—*Livraria Editora*—de Teixeira de Freitas.

Preço... 1:200 reis.

Venda de casa

Vende-se uma morada de casas situada na Cruz de Pedra, n.º 52, ou arrenda-se desde já. Tem bons commodos, excellente quintal, e agna de poço com bomba.

No caso de venda póde ficar o comprador com dous terços do dinheiro a juro de 5 por cento.

Trata se na redacção d'este jornal.

ACABA DE SAHIR A LUZ:

Meditações

para todos os dias do anno

POR M. HAMON

Traduzidas da terceira edição franceza por Francisco Luiz do Seabra

Acaba de sahir á luz esta excellente obra que, publicada, ha poucos annos, em França conta já tres edições. E, para assim dizer um jardim de flores, cujo perfume o cleiro e os fideis, para cujo uso é destinada, podem aspirar com delicias. O author, compondo-a propoz se ajudar as almas christãs a conhecer melhor Deus com as suas infinitas perfeições e os seus adoraveis mysterios para melhor o amar e servir, a conhecer-se melhor a ellas mesmas com os seus defeitos e deveres para melhor se corrigirem e progredirem nas virtudes. Neste seculo frivolo e leviano, em que cada um se occupa sómente nos factos etriores, ha muito poucas almas, que reflectam seriamente n'estes grandes e santos assumptos, muito poucas que meditem cada manhã com cuidado quando Deus merece ser amado e servido, como serviram no dia presente, e o que farão para sua propria salvação ou sua santificação. Como remedio a este mal, o author julgou util facilitar ás almas de boa vontade o exercicio tão importante da oração, pondo-lhes nas mãos, não uma obra litteraria, que se dirige ao seu espirito, mas um curso de meditações, que se dirija ao seu coração, para ser lido pausada e a attentamente, com uma alma receptiva, áfim de entrar em si mesma e de se converter a uma melhor vida.

A obra constará de seis volumes portateis. Preço de cada volume, 400 reis.—ERNES-TO CHARDRON, Editor—Porto.

ACABA DE SAHIR A LUZ:

URGENTE NECESSIDADE

DE

UMA CRUZADA

PARA A

LIBERTAÇÃO DO SUMMO PONTIFICE

POR

D. JOSÉ MARIA CARULLA

Advogada do Illustre Collegio de Madrid e director da *Civilisacion*

TRADUCCÃO PORTUGUEZA

POR

Antonio Mesquita

Antigo alumno do curso triennial de theologia no Seminario do Porto, jornalista, professor d'ensino livre, etc.

Summario das Materias

Carta do auctor ao traductor—Dedicatória —Capitulo I. Introducção —Capitulo II. O Papado e o poder temporal dos Summos Pontifices —Capitulo III. A lei das garantias —Capitulo IV. Pio IX e Leão XIII —Capitulo V. A Italia e os «italianissimos» —Capitulo VI. Justificação da Cruzada —Capitulo VII. Possibilidade da Cruzada —Capitulo VIII. Dificuldades da Cruzada e indicações do que póde fazer-se para vencer-as —Capitulo IX. Excitação á Cruzada —Capitulo X. Conclusão—Nota do traductor.

1 vol. do 270 paginas... 400 reis

Pelo correiofi. 425

J. J. de Mesquita Pimentel—Editor

51, Rua de D. Pedro, 53—Porto.

Typographia Lealdade—Rua de João N.º 1.